

“Sentir-me filho de Deus enche-me de esperança”

Talvez não exista nada mais trágico na vida dos homens do que os enganos padecidos pela corrupção ou pela falsificação da esperança, apresentada com uma perspectiva que não tem como objecto o amor que sacia sem saciar. (Amigos de Deus, 208)

01/10/2006

Se transformarmos os projectos temporais em metas absolutas, suprimindo do horizonte a morada eterna e o fim para que fomos criados – amar e louvar o Senhor e possuí-lo depois no Céu – os intentos mais brilhantes transformam-se em traições e inclusive em instrumento para envilecer as criaturas. Recordai a sincera e famosa exclamação de Santo Agostinho, que tinha experimentado tantas amarguras enquanto não conhecia Deus e procurava fora d'Ele a felicidade: *fizeste-nos, Senhor, para Ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não descansa em Ti!.* (...)

A mim, e desejo que a vós suceda o mesmo, a segurança de me sentir – de me saber – filho de Deus enche-me de verdadeira esperança que, por ser virtude sobrenatural, ao ser infundida nas criaturas, se acomoda à nossa natureza e é também virtude muito humana. Sou feliz com a

certeza do Céu que alcançaremos, se
permanecermos fiéis até ao fim; com
a felicidade que nos chegará,
quoniam bonus, porque o meu Deus é
bom e é infinita a sua misericórdia.
Esta convicção incita-me a
compreender que só o que está
marcado com o selo de Deus revela o
sinal indelével da eternidade e tem
um valor imperecível. Por isso, a
esperança não me separa das coisas
desta terra, antes me aproxima
dessas realidades de um modo novo,
cristão, que procura descobrir em
tudo a relação da natureza, caída,
com Deus Criador e com Deus
Redentor. (Amigos de Deus, 208)
